CARLOS ESCUDERO FREIRE

El Evangelio es profano



EDICIONES
EL ALMENDRO

NEM A EUCARISTIA NEM A MORTE DE JESUS NA CRUZ "*SÃO SACRIFÍCIOS EXPIATÓRIOS DE CARÁCTER SAGRADO*"

Ao longo dos séculos, a celebração da Eucaristia foi-se desvirtuando. A Igreja hierárquica foi transformando a celebração da Eucaristia num sacrifício expiatório e num acto de culto 'sagrado por excelência'. A eucaristia adquiriu, assim, uma solenidade sagrada tornando-se num ritual de grau elevado. O culto eucarístico tem vindo a adornar-se excessivamente de ritos, os quais lhe conferem um caráter *hierático, mágico, constante* o que o tornou indiscutivelmente sagrado e frequentemente alheio à vida e ao quotidiano do crente. Em suma, a eucaristia perdeu o seu sentido original.

As duas narrativas dos pães, que prefiguram a Eucaristia, acontecem ao ar livre e não num lugar sagrado. **Jesus não consagra o pão, isto é, não o fez "pão sagrado"**; simplesmente, virou os olhos ao céu [gesto mal-visto por se tratar de "irreverência" religiosa de um judeu … na medida em que os 'sacerdotes' judeus bem como os 'chefes de família' estavam proibidos de olhar para Yahvé; ao rezar ou ao louvar, os judeus sempre se inclinavam para diante e para o chão e nunca erguiam as mãos ao alto; PB] e "*pronunciou* a bênção", que consiste em louvor a Deus Pai (Marcos 6,40), seguindo a tradição judaica. Na segunda narração dos pães, *''pronunciou a acção de graças*" (Marcos 8,6). Mais uma vez, não vemos aqui qualquer consagração do pão; vemos uma multidão faminta que é alimentada com o pão da solidariedade do grupo de Jesus. Além disso, nestes dois momentos não contamos com qualquer acto de exaltação da figura de Jesus que o eleve a uma posição de destaque ou a uma dignidade superior, diferenciando-o ou separando-o, por via da sua excelência, dos seus discípulos e colocando-o acima daquela multidão. ***O que é mais do que evidente é que, nas duas narrativas, Jesus toma a iniciativa, quer de ensinar essas pessoas*** (Marcos 6:34), ***quer de partilhar um pão-solidário.*** (Marcos 6,40; 8,6).

O mesmo acontece quando Jesus celebra a Última Ceia com os seus discípulos. ***Eles encontram-se todos numa casa comum e não num lugar***

sagrado *(Marcos 14:13-15).* ***Na Última Ceia, Jesus também não consagra pão nem vinho:***

"Pegou um pão e pronunciou a bênção." (Marcos 14,22). "Em seguida, pegou numa taça e pronunciou a ação de graças", tal como havia feito aquando da cena dos pães. Tal como sempre constatamos, é com toda a naturalidade e em conformidade com a vida quotidiana de Jesus que as coisas acontecem: volta e meia, acontecem momentos marcantes. Este é o momento em que ***Jesus substitui a Páscoa judaica pela sua própria Páscoa****.*

Ao contrário de Jesus, a Igreja hierárquica procurou separar a eucaristia da vida diária e normal dos crentes, porque quis constituí-la como o centro de adoração e de excecionalidade. A Igreja hierárquica colocou Jesus tão alto que Ele acabou por ocupar um lugar e um estatuto inalcançáveis por parte do povo comum. Deu azo, inclusivamente, a provas de competição e de rivalidade entre diversas cidades espanholas por conseguir colocar a hóstia consagrada em custódias cada vez mais luxuosas. Os ritos eucarísticos multiplicaram-se e o esplendor dos paramentos litúrgicos foi realçado por um sem fim de reverências, genuflexões e colunas de incenso. As procissões eucarísticas pulularam e inventaram-se as adorações noturnas ao Santíssimo Sacramento da Eucaristia. Ou seja, com tanto culto, adoração e exaltação de Jesus, este foi ficando separado da vida cotidiana dos crentes, porque se foi desvirtuando o significado original e profundo da eucaristia.

O cristianismo não é nem deve funcionar como mais uma religião, e muito menos ter como ponto de referência o judaísmo, porque Jesus proclamou o 'reinado de Deus' e uma aliança nova e definitiva como algo essencialmente distinto do judaísmo e das suas principais instituições; o povo cristão não é sagrado, como o era o povo judeu, porque nada o distingue dos outros povos da terra. Temos como Pai o mesmo e único Deus.

Perguntamos então: se a Última Ceia é uma referência essencial para a celebração da eucaristia, será necessário multiplicar lugares sagrados para a sua celebração? As primeiras comunidades cristãs reuniam-se em casas domésticas apropriadas para estas celebrações (1 Corintios 11,20-34). Paulo, antes de tudo, preocupa-se e chama a atenção para a supremacia, o aproveitamento e a arrogância dos ricos sobre os

pobres da Comunidade, e repreende-os. Ou seja, para Paulo o mais importante é fazer ver que a eucaristia sem amor fraterno e sem concórdia não tem sentido.

Paulo narra a celebração da eucaristia com palavras semelhantes às que usa Mateus e Marcos, acrescentando que Jesus, depois de tomar o pão e beber do Cálice, disse "fazei o mesmo em memória de mim " (1 Corintios 11,24.25). Nas primeiras comunidades, a Eucaristia faz referência à Cruz e, portanto, recorda-nos a Cruz como doação voluntária por toda a humanidade: «todo aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente *será réu* do corpo e do sangue do Senhor.» (v. 27) Isto não se passava nos templos sagrados, mas nas casas dos primeiros cristãos, onde as desigualdades estavam à vista de todos! Só muito mais tarde se impuseram os 'lugares sagrados' no cristianismo, imitando o judaísmo e as religiões pagãs. E que dizer dos ministros sagrados (‘con-sagrados’)?

Jesus não foi sacerdote, mas leigo, e celebrou a Última Ceia com um grupo de seus discípulos, agindo como o Senhor e o Mestre (João 13,13-14). Não consagrou ninguém sacerdote. Por isso, é urgente resgatar o significado originário da celebração eucarística: ***é um convite aos seus discípulos a identificarem-se com Ele, fazendo uma aposta clara e radical pelos pobres, oprimidos e excluídos da terra, para que possam recuperar a sua dignidade e os seus direitos***. Só deste modo os seus discípulos encarnarão e defenderão os valores fundamentais do Reinado de Deus. É preciso identificar-se com os que passam fome e sede, é preciso ajudar a sair da sua prostração os estrangeiros amargurados pela rejeição dos residentes e por passarem tantas necessidades, os enfermos rejeitados pela sociedade e os encarcerados, já que Jesus se identifica com eles e com todos os marginalizados e oprimidos (Mateo 25,31-40). ***A Eucaristia, prelúdio da sua iminente paixão, apresenta-se assim como testamento de Jesus para os seus discípulos. É, portanto, um dos núcleos fundamentais do Novo Testamento***.

Deus é Pai de toda a humanidade e, como discípulos de Jesus, pede-nos solidariedade para com os deserdados da terra. Esta solidariedade manifesta-se na entrega das nossas vidas em seu favor com um amor até ao extremo. Esta tarefa é tão grande que nós cristãos temos que levá-la a cabo unidos a todas as pessoas de boa vontade. Só assim a nossa celebração da eucaristia terá pleno sentido.

Por fim, há que deixar bem claro que nos textos dos evangelhos sinópticos sobre a instituição da eucaristia não há vestígio algum de que essa celebração contenha um sentido de sacrifício expiatório pelos pecados do mundo, ao estilo dos sacrifícios do Antigo Testamento, para aplacar a um Deus terrível e vingativo contra o seu próprio povo por ser infiel à Aliança. O furor de Deus manifestava-se, de maneira especial, ao descarregar a sua ira de maneira implacável contra as nações pagãs que atacavam Israel. Os próprios israelitas, apesar dos sacrifícios oferecidos para expiar os pecados, nunca estavam totalmente seguros de ter aplacado esse deus violento, sedento de sangue e destruidor (José María Castillo, «Víctimas del pecado», Madrid Trotta, 143-144).

Bem pelo contrário, a eucaristia prefigura e antecipa o significado da morte violenta de Jesus na cruz, e Jesus, derramando livre e voluntariamente o seu sangue – que é o sangue da Aliança nova e definitiva –, não está a realizar nenhum sacrifício de expiação para aplacar a ira de Deus pelos nossos pecados. Nos Evangelhos, Jesus apresenta-nos constantemente Deus como Pai, e este Pai não exige nem necessita de nenhum sacrifício com sangue – e muito menos o sacrifício do seu próprio Filho – para ser aplacado.

No resto do Novo Testamento o conceito do sacrifício é matizado. Embora seja verdade que a Carta aos Hebreus fale frequentemente do sangue da nova e eterna aliança, como se pudesse enquadrar-se nos sacrifícios expiatórios do Antigo Testamento (Hebreos 9-13), não é menos verdade que, ao referir-se aos cristãos que seguem a 'via' de Jesus, essa Carta, na Exortação final, diz-lhes:

– " ***Não vos esqueçais da solidariedade e de fazer o bem, que tais sacrifícios são os que agradam a Deus*** " (Hebreos 13,16).

A solidariedade e o fazer o bem são fonte de vida, porque ajuda muitos a viver em maior plenitude. Vanhoye, estudioso e bom conhecedor da Carta aos Hebreus, afirma que o autor da Carta «muda radicalmente o significado do conceito de sacrifício» (Albert Vanhoye, "Le Christ est notre prêtre", Prière et Vie, Toulouse, 1969, 32). O resto do Novo Testamento, também. Paulo na Carta aos Romanos di-lo de maneira muito clara:

– " Por isso, vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus.

Seja este o vosso verdadeiro culto, o espiritual. Não vos acomodeis a este mundo. Pelo contrário, deixai-vos transformar, adquirindo uma nova mentalidade, para poderdes discernir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito." (Romanos 12,1-2).

Ou seja, o conceito de sacrifício muda de sentido: deixa de ser *ritual* – um rito realizado num lugar sagrado – para converter-se em *existencial* – a própria vida entregue por amor. Há uma mudança qualitativa; a própria vida, no seu afazer quotidiano, torna-se um culto autêntico diante de Deus para os cristãos. Portanto, não há que nos moldarmos aos valores deste mundo, mas descobrir os valores do reinado de Deus. José Mª Castillo, refletindo sobre esta problemática, admite que o Novo Testamento considera a morte de Jesus como sacrifício, mas afirma que este conceito muda radicalmente de significado em relação ao Antigo Testamento: "Deixa de haver lugar para um ritual sangrento e de violência, que supostamente seria do agrado de Deus. Passa a ser a vida de cada pessoa que se entrega aos valores da honestidade, da bondade, da generosidade e da solidariedade no decurso do seu quotidiano e até nas mais banais rotinas da vida diária " (*ibidem*, p. 146).

O comentário de José Mª Castillo é correto, mas há que afirmar sem hesitações que os evangelhos contradizem estes textos do Novo Testamento. Constatamos que os evangelhos, no seu conjunto e quanto a estes fatos em concreto, não consideram que a celebração eucarística ou a morte de Jesus na cruz sejam sacrifícios expiatórios. Além disso, vimos, em passagens muito importantes dos evangelhos, que Jesus constituiu uma novidade radical e absoluta em relação ao Antigo Testamento. Ele também se manifesta sob a forma de uma novidade radical na celebração da eucaristia, a sua verdadeira Páscoa. Ele não é sacerdote, não consagra o pão e o vinho, nem consagra na Última Ceia nenhum sacerdote, porque a eucaristia não é um sacrifício expiatório, como os da Antiga Aliança.

No Antigo Testamento sacrificavam-se animais (ovelhas e bois) e isso exigia sacerdotes para celebrar esses sacrifícios sangrentos. Estes sacrifícios ocorriam no templo, lugar sagrado. Ao invés, a eucaristia de Jesus encerra um conteúdo radical e subversivo, tal como a morte de Jesus na cruz *fora de qualquer lugar sagrado* e *em conexão com a solidariedade, a partilha e a ajuda aos mais necessitados*. *A Eucaristia pertence ao povo*

cristão, que é leigo, povo que não foi especificamente consagrado para esta celebração.

Ou seja, o cristianismo não é 'mais uma religião' de caráter sagrado, ou seja, uma religião em que o sagrado – templo, sacerdotes, sacrifícios, ritos – desempenhe o papel central. Pelo contrário, é e deve funcionar como uma nova atitude de vida em que *o quotidiano dos seguidores de Jesus se converta em oração e sacrifício a favor, sobretudo, dos mais necessitados*.

As palavras de Jesus "dai-lhes vós mesmos de comer" (Mateos 14,16) ainda hoje estão em vigor no mundo em que vivemos. Mas diante da urgência dos problemas que nos afligem e até nos oprimem, por onde começar? Começa pelo teu próximo, os mais próximos; é conveniente repeti-lo: dá uma olhada ao teu redor; uma infinidade de pessoas vive de maneira sub-humana sem carinho, sem alimentos nem remédios. Este problema acentua-se quando sabemos que milhões de crianças sofrem desta situação nos países do chamado terceiro mundo. O problema de muitos imigrantes, que reclamam a nossa compreensão e ajuda, é também dramático.

O campo para o teu serviço e para a tua solidariedade tem muitas frentes. Sê crente em Jesus e age. Para problemas maiores, como a pobreza no mundo – que deveria envergonhar o resto da humanidade, e que prejudica a nossa própria dignidade –, é preciso unir-se com todas as associações que tentam erradicá-la de uma vez, porque hoje existe a tecnologia necessária e a riqueza do primeiro mundo é imensa, mas concentrada em poucas pessoas e instituições, o que não deixa de ser escandaloso. Em Espanha existem mil ONG que se uniram com este objectivo, sob o lema «POBREZA ZERO». Junte-se a nós com tudo o que você pode contribuir, não apenas dinheiro. **A celebração da Eucaristia convida-te à solidariedade e ao serviço dos mais necessitados da terra.**

Carlos Escudero Freire, "*El Evangelio es profano*", Ed. El Almendro 2011, pp. 182-187

©